

Nem tudo é dor e lamentações

A história dos migrantes não é feita só de amarguras, sonhos desfeitos e lamentações. Já houve quem deu certo em Brasília e quem ainda alimenta sonhos bem maiores do que conseguir trabalho e lugar para morar.

Sônia Maria de Souza Arruda, 40 anos, viúva, deixou os dois filhos em Maceió, na favela Grota do Cigano, e veio "tentar ajudar o País". Quer mostrar ao presidente Collor de Mello um "método de ensino e orientação comunitária para criança analfabeta".

Há um mês na Rodoferroviária, Sônia Maria de Souza, que se apresenta como professora, tenta ser uma espécie de porta-voz dos migrantes. Ela assegura que está esperando sua pensão ser enviada para cá, onde vai utilizá-la na confecção de cartazes para mostrar ao Presidente como pretende alfabetizar menores carentes.

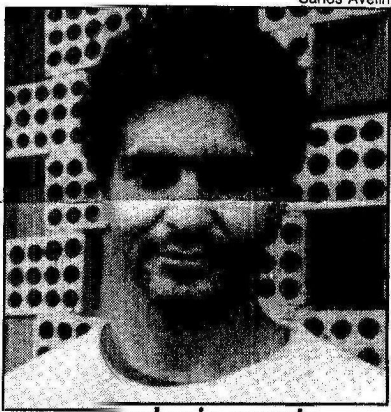
Depois pretende registrar a "patente" de duas cartilhas que afirma ter confeccionado. "Vou me organizar em Brasília. Não vim pedir nada, ganho Cr\$ 174 mil por mês", disse Sônia, garantindo que não é louca. "Apenas tenho quociente de inteligência (QI) elevado", explicou.

Casamento no CAS

Manoel Coelho Aguiar, 25 anos, estava ontem no CAS para rever os amigos. Meio arredio, ele contou que veio de Formoso do Araguaia (TO) há seis meses, cinco deles vividos no CAS como albergado enquanto tentava um tratamento para "uma dor no estômago que os médicos não conseguem descobrir". Há um mês, Manoel Coelho é vigia da Novacap. Além do emprego, ele saiu do albergue "casado" com Maria Pereira de Sousa, 40 anos.

Foi no CAS que Maria e Manoel começaram a namorar. Ela estava em busca de assistência médica para o filho de oito anos, que hoje mora com o casal em Taguatinga Norte. Como o marido, Maria Pereira também ficou vários meses no alojamento. "Um dia depois que saí arrumei emprego", disse Manoel Coelho, revelando que mentiu para os funcionários do CAS sobre o romance. "Se não fosse assim, a gente não teria recebido dois auxílios-aluguel", explicou. (V.R.)

Carlos Avelin



Manoel saiu casado